

HERÁLDICA

a linguagem visual da idade média no século XXI

JOSÉ ROBERTO VASCONCELOS



CAÇADORA DE EX-LÍBRIS

CAÇADORA DE EX-LÍBRIS
SÉRIE TEMÁTICO, V. 2

HERÁLDICA

A LINGUAGEM VISUAL DA IDADE MÉDIA NO SÉCULO XXI

JOSÉ ROBERTO VASCONCELOS

ENTREVISTA, ORGANIZAÇÃO E NOTAS:
MARY KOMATSU

RIO DE JANEIRO
2026

Ficha catalográfica por Juliana Borges Cid Taboada - CRB7/6661

V331 Vasconcelos, José Roberto

Heráldica : a linguagem visual da idade média no século XXI / José Roberto Vasconcelos ; Entrevista, organização e notas Mary Komatsu. - Rio de Janeiro : Canal Caçadora de Ex-líbris, 2026.

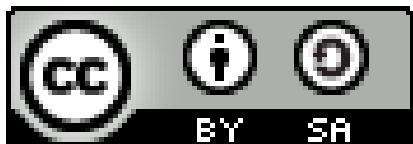
83 p. : il color. - (Série Temático ; 2)

Disponível em : cacadoradeexlibris.com

ISBN : 978-65-02-35990-7

1. HERÁLDICA. 2. EX-LÍBRIS. I. Vasconcelos, José Roberto. II. Komatsu, Mary. III. Título.

CDD 929.6



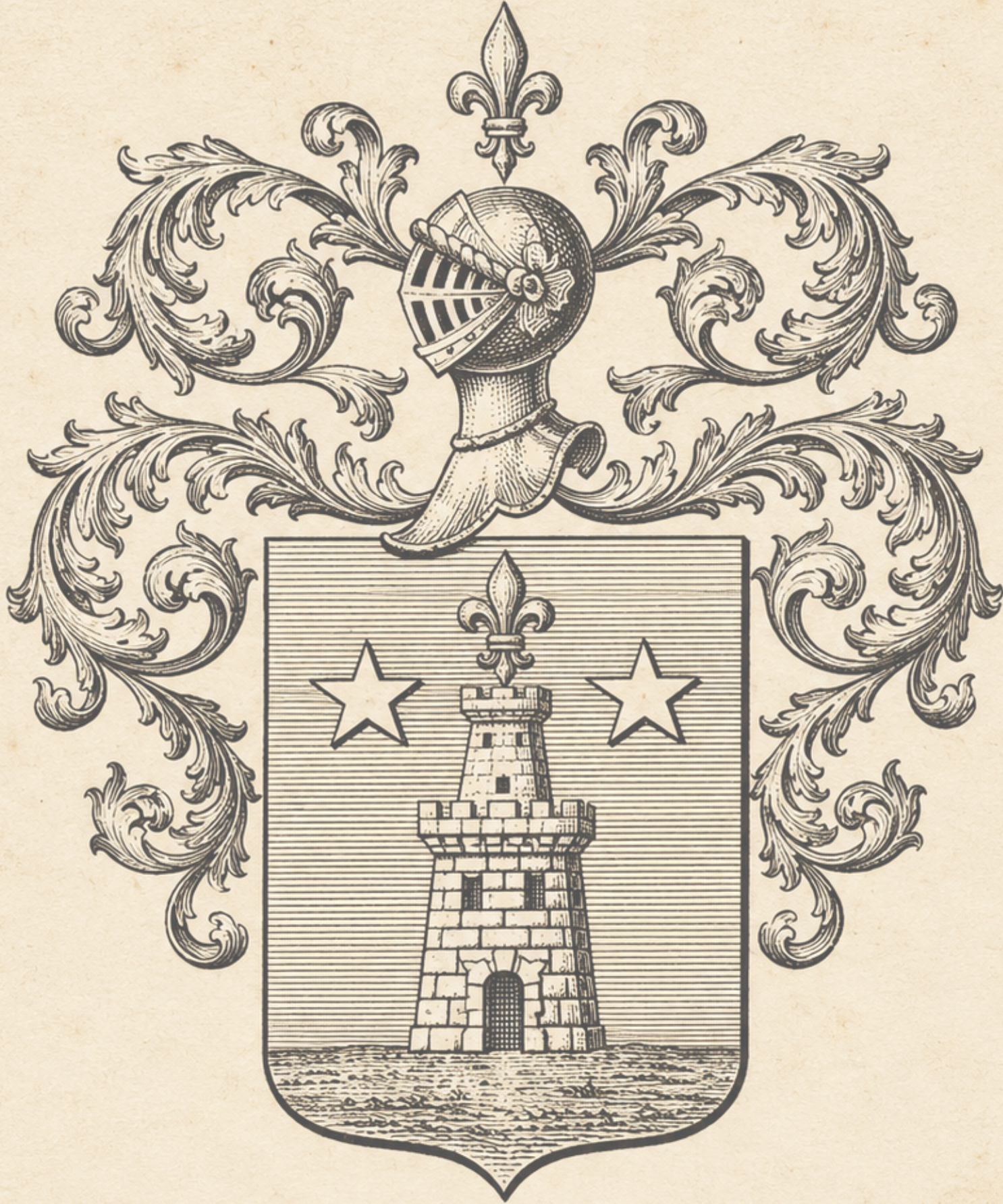
Este trabalho está licenciado com uma Licença
Creative Commons - Atribuição-
Compartilhual 4.0 Internacional.

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO	7
SOBRE O AUTOR— José Roberto Vasconcelos	8
 CAPÍTULO 1 — O QUE É HERÁLDICA?	9
Entre a arte e a ciência	11
Uma linguagem nascida nos campos de batalha	13
Do símbolo pessoal ao patrimônio familiar	15
 CAPÍTULO 2 — A HERÁLDICA NO BRASIL	17
A Heráldica da nobreza brasileira	20
Das famílias às cidades	23
 CAPÍTULO 3 — BRASÕES E IDENTIDADE	25
Brasões como expressão de identidade	26
Muito além da nobreza	29
O brasão como narrativa visual	33
 CAPÍTULO 4 — HERÁLDICA CONTEMPORÂNEA	37
A Heráldica no ensino	39
Dos escudos aos campos de futebol	44
Cultura, memória e identidade institucional	47
Tradição e identidade visual na atualidade	49

CAPÍTULO 5 — HERÁLDICA E EX-LÍBRIS: IDENTIDADE DENTRO DOS LIVROS.....	51
O ex-líbris heráldico como marca de propriedade	52
Memória familiar dentro dos livros	54
O ex-líbris como espaço de criação heráldica	56
 CAPÍTULO 6 — DO BRASÃO AO EX-LÍBRIS: AS CRIAÇÕES DE JOSÉ ROBERTO VASCONCELOS.....	 61
Entre a tradição e a interpretação do artista	63
O brasão familiar transformado em ex-líbris	67
A lisonja e a representação feminina	69
Um ex-líbris para um artista ex-librista	71
Criar novas armas também é fazer Heráldica	73
 CAPÍTULO 7 — PERGUNTAS DO PÚBLICO: HERÁLDICA NA PRÁTICA	 75
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 78



Ex Libris

INTRODUÇÃO

Este e-book é fruto da live “Heráldica – a linguagem visual da Idade Média no século XXI”, realizada em 24 de abril de 2025, no canal Caçadora de Ex-líbris, no YouTube, com a participação de José Roberto Vasconcelos.

A publicação apresenta um panorama sobre a Heráldica, sistema de identificação visual e simbólica cujas origens remontam à Idade Média e que permanece vivo até os dias atuais. Criada inicialmente para identificar indivíduos, famílias e linhagens, a linguagem heráldica atravessou os séculos, ampliou seus usos e continua presente em brasões, emblemas e diferentes formas de representação institucional e pessoal.

Sua relação com o universo dos ex-líbris merece especial destaque. Brasões, escudos, elmos, coroas, divisas e outros elementos da tradição heráldica aparecem com frequência nessas pequenas marcas de propriedade, estabelecendo um diálogo entre identidade, memória, arte e pertencimento.

Ao transformar o conteúdo da live em publicação, buscamos ampliar o acesso às informações apresentadas e oferecer ao leitor um material introdutório que contribua para a compreensão da Heráldica, de sua permanência no século XXI e de sua presença no ex-librismo.

A live completa está disponível no canal Caçadora de Ex-líbris . **ASSISTA AQUI.**

Mary Komatsu
Caçadora de Ex-líbris

SOBRE O AUTOR



José Roberto Vasconcelos é Genealogista e Heraldista, com mais de uma dezena de livros publicados na área de genealogia e heráldica luso-brasileira, alguns dos quais adquiridos pela Library of Congress em razão de suas “relevâncias para a história e cultura brasileiras”. Membro da ASBRAP – Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia, do Colégio Espírito-Santense de Genealogia e Heráldica e Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, dentre outras instituições.

CAPÍTULO 1

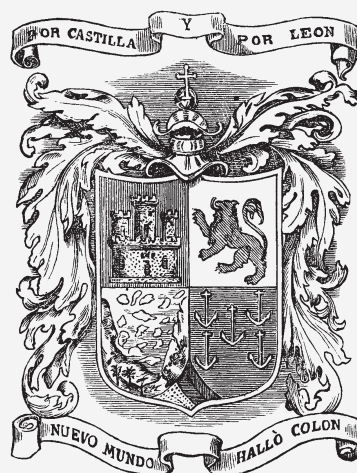
O QUE É HERÁLDICA?



A Heráldica pode ser definida como a arte e a ciência dedicada ao estudo da origem, da evolução e do significado dos emblemas heráldicos, bem como à descrição e à criação dos brasões de armas. Surgida na Europa medieval, entre os séculos XI e XII, é tradicionalmente considerada uma ciência auxiliar da História.

Mais do que um conjunto de brasões associados à nobreza, entretanto, a Heráldica constitui uma verdadeira linguagem visual. Criada há vários séculos, atravessou diferentes períodos históricos e permanece presente até os dias atuais, podendo ser encontrada em símbolos de famílias, cidades, estados, países, instituições e corporações.

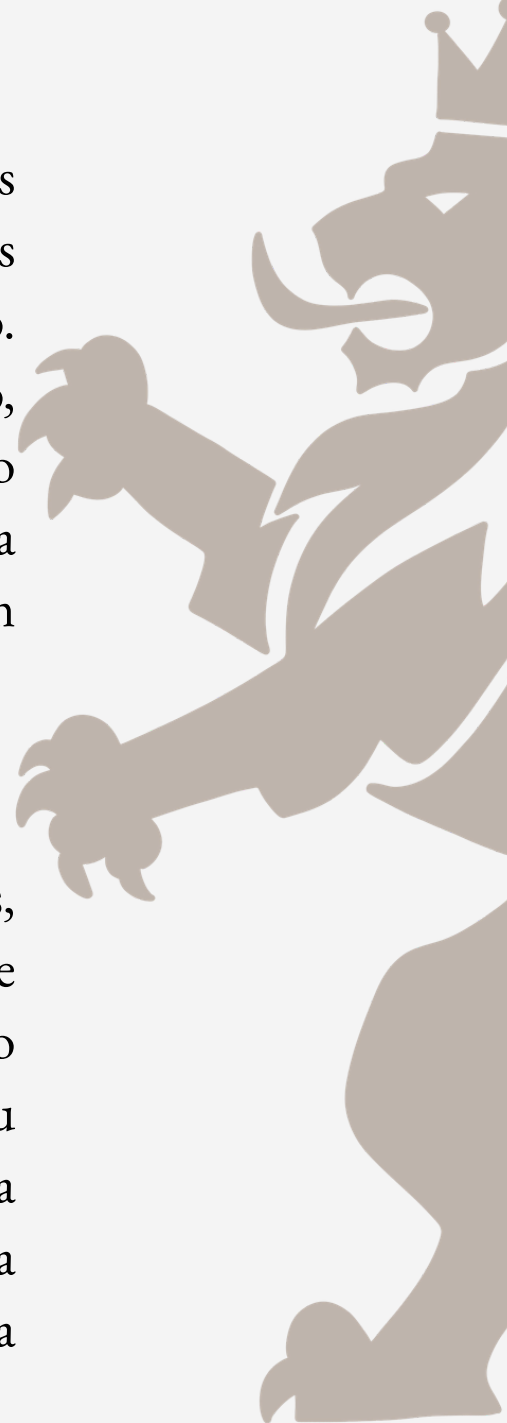
Essa permanência demonstra a capacidade da linguagem heráldica de comunicar identidade, pertencimento, memória e tradição por meio de imagens.



Entre a arte e a ciência

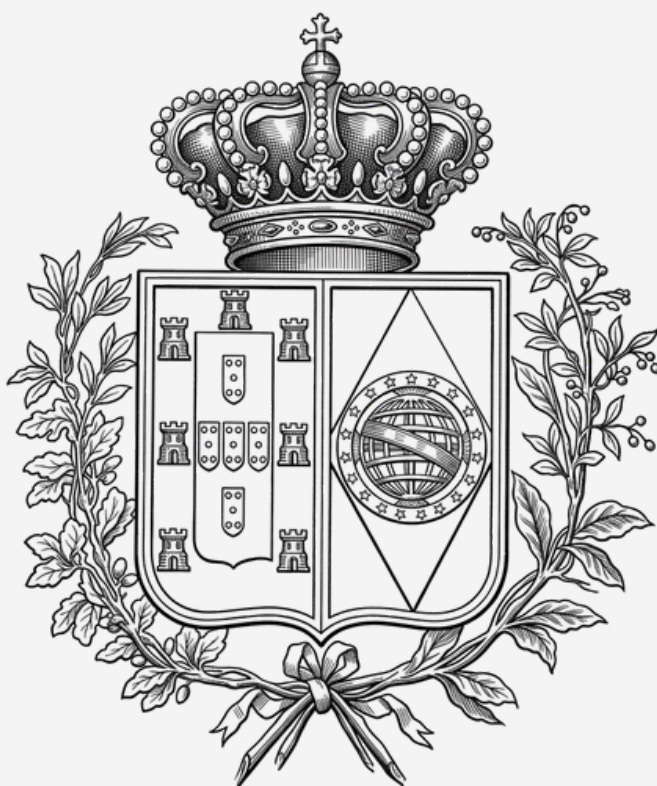
A Heráldica reúne duas dimensões complementares. É arte porque seus elementos obedecem a formas próprias de representação. Um leão presente em um brasão, por exemplo, não corresponde simplesmente à reprodução naturalista do animal: sua figura é estilizada segundo convenções específicas da linguagem heráldica.

O mesmo princípio se aplica às demais figuras, cores e formas. Até elementos que atualmente podem parecer incomuns em um brasão precisam ser compreendidos dentro de seu contexto histórico e simbólico. Sua presença pode estar relacionada à identidade, à história ou às circunstâncias que levaram determinada pessoa ou família a adotar aquele emblema.



Ao mesmo tempo, a Heráldica é ciência porque possui princípios e regras próprios. Cores, metais, peles, figuras e divisões do escudo integram um vocabulário organizado. Ouro e prata, por exemplo, convivem com cores e com as chamadas peles heráldicas, como o arminho.

Assim, mesmo um brasão aparentemente simples pode resultar de uma composição cuidadosamente estruturada. Cada figura, cor ou disposição possui uma função dentro do conjunto.



Uma linguagem nascida nos campos de batalha

As origens da Heráldica estão profundamente relacionadas à necessidade de identificação.

Nos campos de batalha medievais, reconhecer aliados, adversários e comandantes era fundamental. Em meio a numerosos combatentes, protegidos por armaduras e portando equipamentos semelhantes, cores e símbolos permitiam distinguir indivíduos e grupos.

Escudos, bandeiras, vestimentas e outros suportes passaram, assim, a receber sinais visuais facilmente reconhecíveis à distância. Inicialmente simples, esses sinais tornaram-se progressivamente mais individualizados à medida que aumentava o número de seus usuários.

Com o tempo, alguns deixaram de cumprir uma função apenas circunstancial e passaram a identificar permanentemente seus portadores.



litrois denor & see
occy

Do símbolo pessoal ao patrimônio familiar

A partir desse processo, determinados brasões começaram a ser transmitidos entre gerações.

Um símbolo associado a determinado cavaleiro podia adquirir prestígio em razão de seus feitos. Quando filhos e descendentes passavam a utilizar as mesmas armas, aquele sinal deixava de representar apenas uma pessoa e se transformava em patrimônio simbólico da família.

O brasão passava, portanto, a estabelecer uma ligação visual entre diferentes gerações, preservando identidade, pertencimento e memória.

Embora frequentemente associada à nobreza, a Heráldica não esteve restrita a ela. Cavaleiros, burgueses, membros de corporações e outros grupos também utilizaram sinais identificadores. O que diferenciou muitos desses usos foi justamente sua continuidade histórica e familiar.

A própria centralidade do escudo na composição heráldica preserva a memória dessas origens militares. A tradição desenvolveu ainda formas específicas para outros usos, como a lisonja, formato losangular empregado historicamente em determinadas representações heráldicas femininas.

A Heráldica nasceu, portanto, de uma necessidade prática de reconhecimento, mas rapidamente ultrapassou essa função. Transformou-se em uma linguagem capaz de representar indivíduos, famílias, linhagens, territórios e poderes.



BATALHA DE ALJUBARROTA (1385)

CAPÍTULO 2

HERÁLDICA NO BRASIL



A tradição heráldica chegou ao Brasil profundamente vinculada à experiência portuguesa, mas adquiriu, ao longo do tempo, características próprias.

Um exemplo particularmente significativo encontra-se nas armas do Brasil durante o período monárquico. Com a Independência, em 1822, as armas que representavam o Reino do Brasil foram adaptadas à nova condição política. A coroa real foi substituída pela imperial e aquele símbolo passou a representar o Império e também a nova dinastia reinante.

Nesse caso ocorreu um processo especialmente interessante: em vez de as armas pessoais do soberano serem transferidas ao país, como aconteceu historicamente em diferentes monarquias europeias, as armas que já representavam o Brasil passaram a ser utilizadas pela família imperial brasileira.



Brasão de Armas do Império do Brasil. Escudo de sinopla com esfera armilar de ouro sobreposta à Cruz da Ordem de Cristo, circundada por estrelas de prata; o conjunto é encimado pela Coroa Imperial e ladeado por ramos de café e tabaco.

A Heráldica da nobreza brasileira

Durante o Império, a Heráldica também encontrou expressão nos brasões concedidos ou utilizados por integrantes da nobreza.

Entre os exemplos apresentados está o de Irineu Evangelista de Sousa (1813-1889), Barão e posteriormente **Visconde de Mauá**. Seu brasão incorporou referências às atividades que marcaram sua trajetória como empresário, entre elas a ferrovia, a navegação a vapor e a iluminação a gás.

Nesse caso, o brasão funciona quase como uma narrativa visual de sua vida. Em vez de recorrer exclusivamente às armas tradicionais de antigas famílias, Mauá adotou símbolos relacionados às suas próprias realizações.



Brasão de armas do Visconde de Mauá. A composição apresenta símbolos relacionados às suas atividades industriais, ferroviárias e navais, destacando-se a locomotiva e a embarcação associada ao Estabelecimento da Ponta d'Areia. Na base, o lema *Labor improbus omnia vincit* (“O trabalho perseverante vence tudo”).

Outro exemplo é o brasão do **Barão do Amparo**, no qual elementos de antigas tradições heráldicas portuguesas foram combinados com referências brasileiras. A composição evidencia um processo de adaptação da linguagem europeia ao contexto nacional.

A Heráldica brasileira do século XIX, portanto, não se limitou à reprodução de modelos portugueses. Em diferentes momentos, incorporou elementos locais e construiu novas formas de representação.



Brasão de armas do Barão do Amparo. Armas de Manuel Gomes de Carvalho (1788–1855), 1º Barão do Amparo, concedidas em 21 de agosto de 1853. Escudo esquadreado com cabeças de indígenas Araris e pelicanos; timbre com cabeça indígena e coroa de barão. Divisa: *Ambitio et invidia sit procul.*

Das famílias às cidades

A presença da Heráldica no Brasil ultrapassou os círculos da nobreza.

Brasões tornaram-se símbolos de cidades e, posteriormente, de estados e municípios. Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, possuem composições que procuram traduzir aspectos de suas histórias e identidades.

No brasão do Rio de Janeiro permanecem referências tradicionais a São Sebastião, padroeiro da cidade. Em outros casos, elementos geográficos, históricos ou religiosos foram incorporados às armas municipais.

Também merece destaque a atuação de artistas e heraldistas responsáveis pela criação desses símbolos. Entre eles está **Alberto Lima (1878-1971)**, autor do brasão do antigo Estado da Guanabara e de brasões de diferentes municípios e bairros.

A Heráldica passou, dessa maneira, a participar da construção da identidade visual brasileira em diferentes níveis: nacional, regional, municipal, institucional e familiar.



Brasão da cidade do Rio de Janeiro, em versão derivada das armas do antigo Estado da Guanabara, cujo desenho oficial foi realizado pelo heraldista Alberto Lima em 1963. Após a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em 1975, o brasão permaneceu em uso pela cidade, com a retirada da estrela que distinguia as armas guanabarinhas.

CAPÍTULO 3

BRASÕES E IDENTIDADE



Brasões como expressão de identidade

Uma das características mais marcantes da Heráldica é sua capacidade de sintetizar uma identidade por meio de imagens.

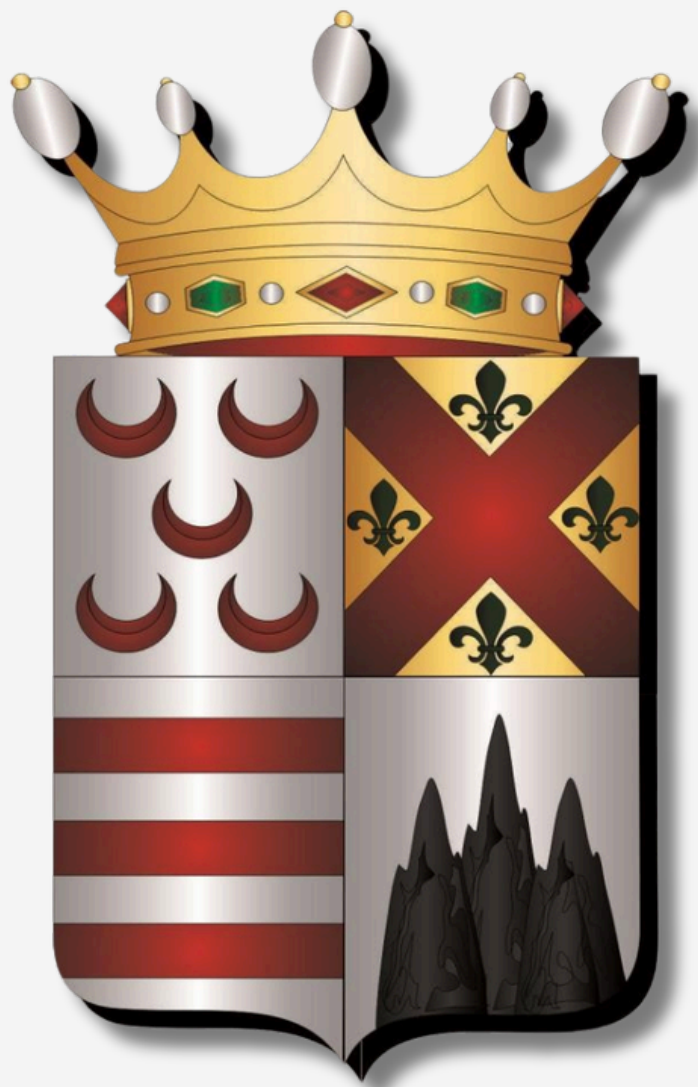
Um brasão pode revelar vínculos familiares, procedência, atividades profissionais, acontecimentos históricos, crenças, valores e aspirações de seu proprietário. Em determinadas composições, diferentes linhagens aparecem reunidas em um mesmo escudo, registrando visualmente relações de ancestralidade e pertencimento familiar.

Um exemplo apresentado durante a live foi o brasão de Caetano Pinto de Miranda Montenegro (1748-1827), **Marquês de Vila Real da Praia Grande**. Seu escudo é dividido em quatro quartéis, reunindo as armas das famílias Pinto, Miranda, Silveira e Montenegro, antigas linhagens da nobreza portuguesa. No primeiro quartel aparecem as armas dos Pinto, representadas por cinco crescentes vermelhos dispostos em sautor sobre campo de prata; no segundo, as dos Miranda, com uma aspa vermelha acompanhada de flores-de-lis; no terceiro, as dos Silveira, caracterizadas por faixas vermelhas sobre campo de prata; e, no quarto, as dos Montenegro, representadas por três montes negros em campo de prata.

Esse último quartel exemplifica as chamadas armas falantes, nas quais determinado elemento visual estabelece uma relação direta com o nome representado: os montes negros remetem imediatamente ao sobrenome Montenegro. Em outros casos, entretanto, a relação entre as figuras heráldicas e a família é menos evidente e exige conhecimento de sua história ou da simbologia empregada. É o que ocorre, por exemplo, com as armas dos Pinto, representadas por cinco crescentes, sem uma correspondência visual direta com o sobrenome.

A composição do brasão do Marquês demonstra também como a Heráldica podia funcionar como uma espécie de genealogia visual. Por meio do esquartelamento, diferentes armas familiares eram reunidas em um único escudo, preservando e tornando visíveis os vínculos entre distintas linhagens ao longo das gerações.

Essa capacidade de transformar nomes, ascendências, trajetórias e valores em imagens aproxima profundamente a Heráldica de outras formas de representação pessoal. Como observado durante a live, a mesma lógica pode ser encontrada nos ex-líbris falantes, nos quais a imagem também estabelece uma relação direta com o nome, a profissão, os interesses ou alguma característica de seu proprietário.



Brasão de Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Marquês de Vila Real da Praia Grande. Escudo esquartelado reunindo as armas das famílias Pinto, Miranda, Silveira e Montenegro.

Muito além da nobreza

É comum imaginar que possuir um brasão significa necessariamente pertencer à nobreza. A história da Heráldica, entretanto, é muito mais ampla.

Além dos titulares de nobreza, diferentes indivíduos e instituições utilizaram brasões ao longo do tempo. No universo religioso, por exemplo, desenvolveu-se uma tradição própria, a Heráldica Eclesiástica, com escudos, insígnias e ornamentos associados a instituições religiosas e às diferentes dignidades da Igreja, como bispos, arcebispos, cardeais e papas.

Durante a live, alguns exemplos brasileiros ajudaram a demonstrar a riqueza dessa linguagem. No brasão da **Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro**, as três setas fazem referência ao martírio de São Sebastião, padroeiro da cidade e da Arquidiocese. No da **Arquidiocese de São Paulo**, o livro e a espada remetem ao apóstolo São Paulo, enquanto o Cruzeiro do Sul estabelece uma referência ao território brasileiro.

Outro exemplo destacado foi o brasão da **Arquidiocese de Florianópolis**, considerado por José Roberto Vasconcelos especialmente interessante do ponto de vista estético e heráldico. Nele, a roda de Santa Catarina, atributo tradicional de Santa Catarina de Alexandria, estabelece uma relação direta com o nome do estado. A composição demonstra como símbolos religiosos podem, ao mesmo tempo, expressar devoção, história e identidade territorial.

A utilização da Heráldica no âmbito religioso não se restringe à Igreja Católica. Como observado durante a live, igrejas anglicanas, ortodoxas e outras tradições cristãs também recorrem a brasões, tanto para representar suas instituições quanto, em determinados contextos, seus membros e autoridades religiosas. A Heráldica permanece, portanto, presente no cotidiano, ainda que muitas vezes seus códigos e significados passem despercebidos.

Instituições de ensino, associações culturais, academias e outras organizações também recorreram à linguagem heráldica para construir símbolos de identidade e permanência.

Nesse sentido, o brasão possui uma característica especialmente importante: sua vocação para a continuidade. Diferentemente de uma marca gráfica concebida para acompanhar tendências visuais e eventualmente ser reformulada, o brasão tende a ser pensado como um símbolo duradouro.

Essa ideia de permanência ajuda a explicar por que a Heráldica continua sendo utilizada por instituições que desejam transmitir tradição, história, identidade e estabilidade.



Brasão de Armas da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. No escudo de goles, três setas de prata fazem referência ao martírio de São Sebastião, padroeiro da Arquidiocese. O conjunto é encimado por mitra e acompanhado pela cruz arquiépiscopal e pelo báculo. As datas 1575 e 1676 assinalam, respectivamente, a criação da Prelazia e sua elevação a Diocese.



Brasão de Armas da Arquidiocese de Florianópolis (SC). A composição apresenta a roda de Santa Catarina, atributo de Santa Catarina de Alexandria e referência ao nome do estado, associada à cruz central.



Brasão de Armas da Arquidiocese de São Paulo. O Cruzeiro do Sul identifica sua localização no Brasil; o livro aberto representa a Palavra de Deus, enquanto a espada remete ao apóstolo São Paulo, patrono da Arquidiocese. Completam a composição as insígnias arquiépiscopais — mitra, cruz de Lorena e báculo.

O brasão como narrativa visual

Um brasão pode ser entendido como uma espécie de biografia condensada em imagens. Por meio de figuras, cores e símbolos, é possível comunicar aspectos da identidade, da trajetória e dos valores de uma pessoa, família ou instituição.

Figuras relacionadas a uma profissão podem indicar a atividade de seu proprietário; livros, penas, lâmpadas, instrumentos científicos, animais, plantas, estrelas e inúmeros outros elementos podem adquirir significados particulares dentro de uma composição. Criar um brasão implica, portanto, selecionar aquilo que se deseja representar e perpetuar visualmente.

Essa capacidade de construir identidades por meio de símbolos ultrapassou os limites da Heráldica tradicional. Como destacou José Roberto Vasconcelos durante a live, elementos de origem heráldica podem ser encontrados até mesmo na identidade visual de empresas e marcas mundialmente conhecidas.

Um exemplo é a **Nestlé**. A conhecida imagem do ninho com pássaros está relacionada ao sobrenome de seu fundador, Henri Nestlé — Nest significa “ninho” em alemão — e deriva do emblema familiar utilizado por ele. Ao longo do tempo, a representação foi simplificada e adaptada às necessidades de uma marca comercial, mas conservou o elemento visual que remetia à identidade de seu fundador.



No setor automobilístico, a **Alfa Romeo** oferece outro exemplo particularmente expressivo. Seu emblema incorpora símbolos históricos de Milão: a cruz vermelha sobre campo branco, associada à cidade, e o biscione, a serpente ligada à tradição heráldica dos Visconti, uma das mais importantes famílias da história milanese. Elementos provenientes de uma tradição secular foram, assim, incorporados à identidade de uma empresa moderna.



Também a **Porsche** construiu seu conhecido emblema recorrendo diretamente à linguagem heráldica. O desenho reúne elementos das armas históricas de Württemberg e, ao centro, o escudo com o cavalo associado à cidade de Stuttgart, onde se encontra a sede da empresa. A composição conserva deliberadamente a aparência de um escudo de armas, estabelecendo uma forte associação entre marca, território e tradição.



Outro caso mencionado durante a live foi o da **Faber-Castell**, cuja identidade institucional mantém uma relação histórica com as armas das famílias Faber e Castell. A união dessas linhagens, ocorrida pelo casamento entre Otilie von Faber e Alexander zu Castell-Rüdenhausen, deu origem ao nome Faber-Castell e a uma tradição visual que ainda hoje recorre a referências heráldicas.



CAPÍTULO 4

HERÁLDICA CONTEMPORÂNEA



Embora suas origens estejam profundamente ligadas à sociedade medieval, a Heráldica não permaneceu presa ao passado. Ao contrário, sua linguagem visual atravessou os séculos e continua presente em diferentes espaços da vida contemporânea.

Brasões ainda são utilizados por universidades, escolas, clubes esportivos, instituições culturais, organizações religiosas, cidades, estados e associações. Muitas vezes convivemos diariamente com esses símbolos sem perceber que escudos, cores, figuras, lemas e outros elementos que vemos em emblemas institucionais dialogam diretamente com uma tradição heráldica secular.

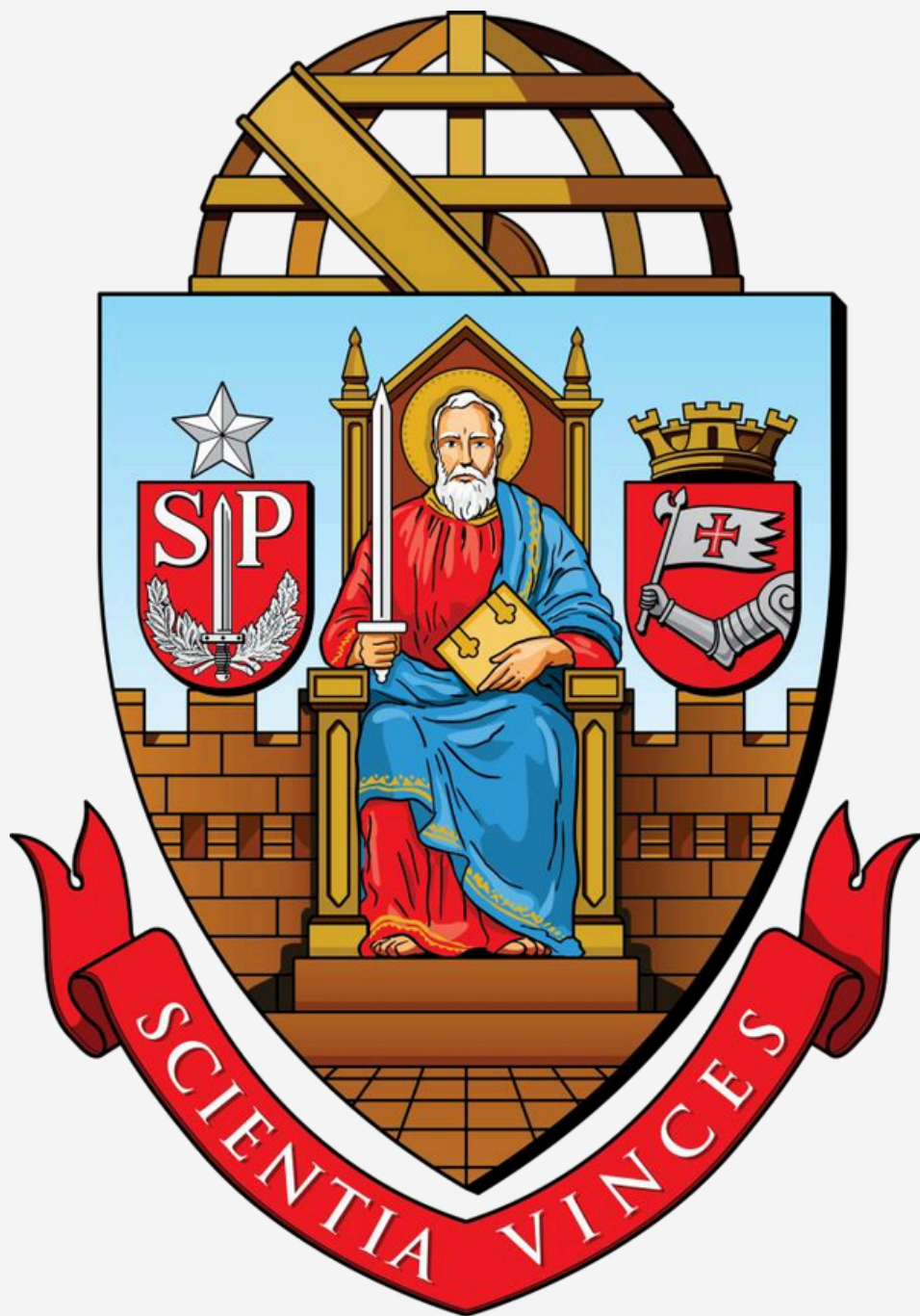
Essa permanência pode ser explicada, em parte, por uma característica fundamental do brasão: sua vocação para a continuidade. Enquanto logotipos e identidades visuais costumam ser redesenhados de acordo com mudanças estéticas e estratégias de comunicação, o brasão tende a preservar seus elementos essenciais ao longo do tempo. Ele não serve apenas para identificar: também procura representar história, pertencimento e memória.

A Heráldica no ensino

Universidades e instituições de ensino constituem um dos espaços em que a presença da Heráldica permanece especialmente perceptível. Escudos, lemas, livros, estrelas, tochas, esferas armilares, figuras humanas e outros símbolos são frequentemente empregados para representar a história, os campos do conhecimento e os valores dessas instituições.

Durante a live, José Roberto Vasconcellos apresentou dois exemplos brasileiros bastante distintos: os emblemas da **Universidade de São Paulo (USP)** e da **Universidade Federal de Viçosa (UFV)**. A comparação permitiu demonstrar como instituições de ensino podem recorrer ao repertório heráldico de maneiras diferentes, tanto na escolha dos elementos quanto em sua organização visual.

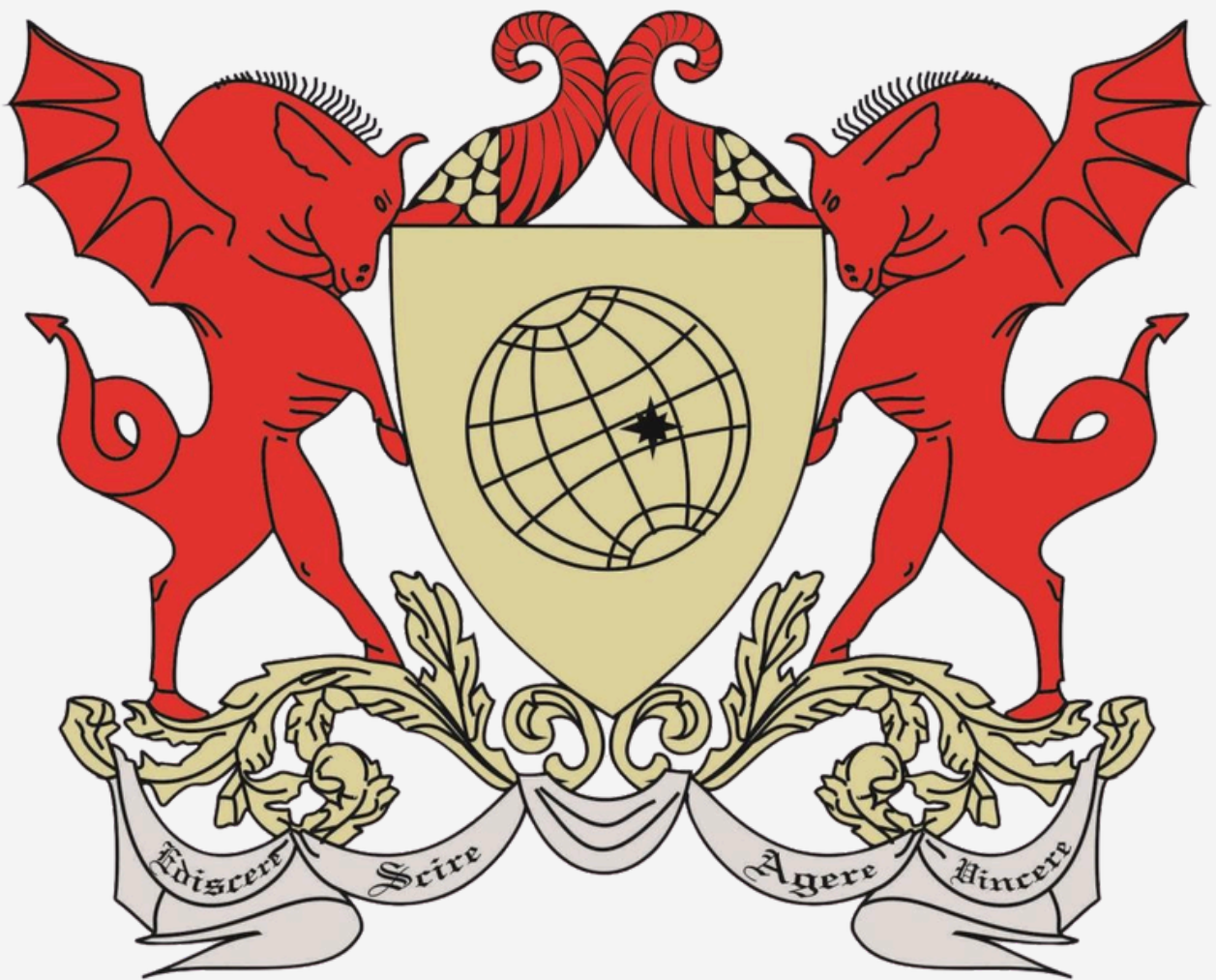
No caso da USP, José Roberto chamou atenção para a harmonia e o caráter tradicional da composição. A figura de São Paulo ocupa posição central, sentado em um trono e acompanhado por referências heráldicas ao Estado e à cidade de São Paulo. Trata-se de uma composição particularmente bem resolvida do ponto de vista heráldico e estético, na qual diferentes elementos se organizam de maneira equilibrada para representar a identidade da instituição.



Brasão da Universidade de São Paulo (USP).
Desenho de José Watsh Rodrigues, 1934.

Já o emblema da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, apresenta uma solução mais complexa. Entre seus elementos destaca-se uma figura híbrida que José Roberto interpretou como um touro dragonado, combinando características bovinas com asas e cauda de dragão. A presença do touro pode ser compreendida em relação à própria trajetória da universidade, historicamente vinculada ao ensino e à pesquisa nas áreas de agricultura e pecuária. A composição inclui ainda outros elementos, como uma cornucópia e referências de caráter científico e universal, entre elas uma esfera.

Embora tenha considerado interessante a ideia simbólica que orienta a composição da UFV, José Roberto observou que sua execução gráfica poderia apresentar maior clareza e equilíbrio. A comparação com o exemplo da USP serviu, portanto, para evidenciar um princípio importante: não basta reunir símbolos significativos; é necessário organizá-los de modo que o conjunto preserve legibilidade, proporção e coerência visual.



Brasão da Universidade Federal de Viçosa (UFV).
Desenho de Alfred Beck Andersen, 1952

Mais do que simples elementos decorativos, as figuras presentes nos emblemas universitários podem funcionar como uma espécie de narrativa institucional. Animais podem remeter às áreas de conhecimento, livros à educação e ao saber, estrelas a ideais ou aspirações, enquanto referências territoriais podem estabelecer vínculos com a cidade, o estado ou o país em que a instituição está inserida.

A permanência dos brasões no ambiente educacional também está relacionada a uma característica destacada por José Roberto durante a live: sua vocação para a continuidade. Enquanto logotipos podem ser alterados ou redesenhados ao longo do tempo, o brasão tende a conservar seus elementos fundamentais, estabelecendo uma ligação visual entre diferentes gerações.

É justamente essa capacidade de reunir história, memória, conhecimento e identidade em uma imagem destinada a perdurar que ajuda a explicar por que universidades e instituições de ensino continuam recorrendo à linguagem heráldica no mundo contemporâneo.

Dos escudos aos campos de futebol

No Brasil, um dos lugares mais populares em que encontramos elementos de tradição heráldica é o futebol.

Os emblemas de clubes como Botafogo, Flamengo e Corinthians, apresentados durante a live, demonstram diferentes maneiras de apropriação dessa linguagem.

O **Botafogo** apresenta uma solução de grande síntese visual: a conhecida estrela branca em campo negro. A simplicidade da composição contribui para sua identificação imediata e demonstra um dos princípios importantes da linguagem heráldica: poucos elementos podem produzir uma imagem extremamente expressiva.



Escudo do Botafogo

O **Flamengo** oferece um caso particularmente interessante porque sua história está ligada originalmente ao remo, e não ao futebol. Essa origem aparece em um de seus emblemas tradicionais, no qual remos e âncora fazem referência às atividades náuticas do Clube de Regatas do Flamengo. Posteriormente, outras formas de representação passaram a identificar também sua atividade futebolística.



Escudo do Flamengo



O **Corinthians**, por sua vez, apresenta uma composição na qual aparecem a bandeira do Estado de São Paulo, a âncora e os remos. Seu emblema aproxima-se tanto do universo dos brasões quanto daquele das modernas marcas esportivas, demonstrando como, na contemporaneidade, as fronteiras entre brasão, emblema e identidade visual podem se tornar menos rígidas.



Escudo do Corinthians

Esses exemplos revelam algo importante: mesmo quando os símbolos dos clubes não obedecem integralmente às regras da Heráldica tradicional, eles continuam recorrendo a uma lógica semelhante — representar uma coletividade por meio de uma imagem reconhecível e duradoura.

Cultura, memória e identidade institucional

A Heráldica também permanece presente em instituições dedicadas à preservação da história, da cultura e da memória. Durante a live, foram apresentados os símbolos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Colégio Brasileiro de Genealogia e de uma instituição heráldica portuguesa. Os três exemplos demonstraram diferentes maneiras de utilizar o repertório heráldico na construção de identidades institucionais.

Escudos, elmos, timbres, cores e figuras simbólicas permitem que essas instituições expressem visualmente suas áreas de atuação e suas tradições.

Um exemplo particularmente interessante é a presença da abelha no brasão do **Colégio Brasileiro de Genealogia**. Na tradição simbólica, a **abelha** pode estar associada ao trabalho, à atividade constante e à construção coletiva. Sua presença demonstra como uma pequena figura pode carregar significados que ultrapassam sua função meramente ornamental.



Brasão do Colégio Brasileiro de Genealogia

Esses símbolos também permitem compreender uma diferença importante entre Heráldica e identidade visual contemporânea. Um brasão pode atravessar gerações e permanecer associado à mesma instituição, mesmo quando sua representação gráfica sofre ajustes. Nesse sentido, funciona como uma espécie de patrimônio visual, capaz de estabelecer uma ligação entre passado e presente.

Tradição e identidade visual na atualidade

Falar em Heráldica contemporânea, portanto, não significa apenas reconhecer a sobrevivência de antigos brasões.

Novas armas continuam sendo concebidas, símbolos são reinterpretados e instituições procuram nessa tradição recursos para construir suas próprias identidades. Ao mesmo tempo, os brasões convivem hoje com logotipos, marcas, identidades visuais e outras formas de representação gráfica.

Em alguns casos, essas linguagens se aproximam tanto que suas fronteiras parecem se confundir. Um emblema esportivo pode apresentar características heráldicas e, simultaneamente, funcionar como marca. Uma universidade pode preservar um escudo tradicional enquanto desenvolve uma identidade gráfica moderna para sua comunicação cotidiana.

O que permanece é a necessidade humana de representar identidades por meio de imagens.

Talvez esteja justamente aí uma das razões para a longevidade da Heráldica. Seus suportes e contextos mudaram, mas sua função essencial continua reconhecível: selecionar símbolos capazes de contar, de maneira visual e sintética, quem somos, de onde viemos, o que representamos e aquilo que desejamos perpetuar.

E é justamente essa capacidade que aproxima novamente a Heráldica do universo dos ex-líbris. Em ambos, uma pequena composição visual pode concentrar história, memória, pertencimento e identidade.

CAPÍTULO 5

HERÁLDICA E EX-LÍBRIS



O ex-líbris heráldico como marca de propriedade

A relação entre Heráldica e ex-líbris é antiga e profunda. O ex-líbris, como marca de propriedade bibliográfica, identifica o proprietário de um livro. O brasão, por sua vez, constitui igualmente uma forma de identificação visual. Era natural, portanto, que as duas linguagens se encontrassem.

No Brasil, um dos primeiros exemplos dessa aproximação é o ex-líbris do **Visconde do Rio Branco**, apontado durante a apresentação como o segundo ex-líbris criado no país. A composição utiliza suas armas, acompanhadas dos elementos correspondentes à sua posição social.

O brasão aplicado ao ex-líbris permitia que a identidade familiar e social de seu proprietário acompanhasse também sua biblioteca.



Ex-líbris Visconde do Rio Branco.
Século XIX.

Memória familiar dentro dos livros

Em outros exemplos apresentados, descendentes de famílias nobres utilizaram as armas de seus antepassados em seus ex-líbris. Nesses casos, a pequena marca de propriedade ultrapassa sua função de indicar simplesmente “a quem pertence este livro”.

Ela passa a funcionar também como instrumento de continuidade da memória familiar.

O proprietário afirma visualmente sua ligação com pais, avós e antepassados, fazendo com que a Heráldica encontre no livro mais um suporte para sua permanência.

Essa associação, entretanto, não está limitada às antigas famílias nobres.

Brasões pessoais e familiares também podem ser concebidos especificamente para integrar ex-líbris. Nesse contexto, símbolos relacionados à origem, ao sobrenome, à profissão, aos interesses intelectuais ou à trajetória do proprietário podem ser reunidos em uma composição inteiramente nova.

Um exemplo particularmente interessante é o ex-líbris de **Orlando Rapuano de Oliveira**, idealizado por seu pai, Oldemar Alvenaz Oliveira Cunha e desenhado por Alberto Lima. A composição reúne elementos relacionados à ascendência portuguesa e à identidade brasileira, articulando genealogia, território e pertencimento em uma única imagem.



Ex-líbris Orlando Rapuano de Oliveira Cunha.
Desenho de Alberto Lima. 1948.

O ex-líbris como espaço de criação heráldica

A relação entre Heráldica e ex-líbris não se limita ao emprego de antigos brasões de família. O ex-líbris também pode se tornar um espaço para a criação de novas composições heráldicas, concebidas especialmente para representar seu proprietário.

Nesse processo, símbolos familiares podem conviver com referências à profissão, aos interesses intelectuais, às atividades culturais e aos valores que a pessoa deseja associar à própria identidade. O brasão deixa, assim, de ser apenas uma referência à ancestralidade e passa a funcionar como uma verdadeira narrativa visual de caráter pessoal.

Os três ex-líbris apresentados durante a live exemplificam bem essa possibilidade. Embora possuam diferentes graus de complexidade, todos recorrem à estrutura e ao repertório visual da Heráldica para construir uma imagem de identidade.

No ex-líbris de **Ronildo V. Ramos**, o escudo é dividido em quatro campos, reunindo diferentes figuras. Alguns elementos parecem fazer referência a armas familiares, enquanto outros — como a lâmpada — podem estar relacionados à atividade

profissional, ao conhecimento ou a aspectos considerados significativos pelo proprietário. A composição demonstra como referências de procedência familiar e símbolos pessoais podem ser reunidos em uma mesma representação.



Ex-líbris Ronildo V. Ramos.
Desenho de Jorge de Oliveira. 1959.

O ex-líbris de **Jorge de Oliveira (1936-2018)** apresenta uma composição consideravelmente mais elaborada. O escudo é dividido em diversos campos e acompanhado por suportes, elmo, paquife, timbre, coroa e outros elementos ornamentais. Em seu interior aparecem figuras de naturezas distintas, entre elas uma coruja, uma ave, estrelas e referências de caráter histórico ou cultural. Reunidos em uma única composição, esses elementos transformam o brasão em uma espécie de retrato simbólico, no qual diferentes dimensões da identidade de seu proprietário são condensadas visualmente.



Ex-líbris Jorge de Oliveira. Ipse fecit. 1995.

Já o ex-líbris de **Adilson Cesar**, também executado por Jorge de Oliveira, explora de maneira particularmente expressiva a possibilidade de incorporar símbolos modernos a uma estrutura heráldica tradicional. O escudo apresenta, entre outros elementos, uma figura associada ao trabalho e às ferramentas, uma tocha flamejante circundada por ramos, além de uma coruja, tradicionalmente relacionada à sabedoria e ao conhecimento. Acima do escudo, um braço armado segura uma pena, associação visual que pode sugerir a escrita, a atividade intelectual ou a produção do conhecimento. Os animais que sustentam o escudo e a riqueza dos ornamentos completam uma composição de forte impacto visual.



Ex-líbris Adilson Cesar.
Desenho de Jorge de Oliveira. 1985.

Esses exemplos mostram que a criação heráldica não precisa necessariamente reproduzir armas antigas. É possível empregar a gramática visual da Heráldica — escudo, divisões, figuras, timbres, suportes, elmos e ornamentos — para construir novas representações, incorporando símbolos relacionados à trajetória e às escolhas de uma pessoa.

O pequeno formato do ex-líbris, entretanto, impõe um desafio importante: a síntese. Uma composição excessivamente carregada pode perder clareza quando reduzida às dimensões de uma marca de propriedade. Por isso, a escolha dos elementos, sua hierarquia e o equilíbrio da composição são fundamentais. Na Heráldica, como ressaltado durante a live, muitas vezes “o pouco é muito”.

É justamente nesse encontro entre tradição e criação individual que o ex-líbris revela uma de suas possibilidades mais interessantes. O brasão pode ser pensado não apenas como herança, mas também como construção de identidade: uma imagem criada para dizer algo sobre quem a escolheu.

Assim, Heráldica e ex-librismo compartilham uma mesma capacidade de transformar identidade em linguagem visual. Em poucos centímetros, nomes, vínculos familiares, profissões, interesses, valores e referências culturais podem ser convertidos em símbolos.

CAPÍTULO 6

DO BRASÃO AO EX-LÍBRIS: AS CRIAÇÕES DE JOSÉ ROBERTO VASCONCELLOS



Ao longo da live, José Roberto Vasconcelos não apenas apresentou conceitos, regras e exemplos históricos da Heráldica. Em determinado momento, voltou-se para sua própria produção e mostrou como esse conhecimento pode ser aplicado à criação de ex-líbris contemporâneos.

Se, nos capítulos anteriores, vimos que o brasão funciona como uma narrativa visual capaz de condensar pertencimentos, trajetórias e valores, os trabalhos de José Roberto demonstram como essa linguagem pode ser transportada para o pequeno espaço do ex-líbris.

Suas criações partem de situações bastante diversas. Algumas utilizam armas familiares já existentes; outras reinterpretam símbolos heráldicos do proprietário; há ainda aquelas em que são concebidas armas novas, combinando referências pessoais, familiares, profissionais ou geográficas.

O resultado evidencia que trabalhar com Heráldica no ex-líbris não significa simplesmente reproduzir um brasão. O desafio está em interpretá-lo, selecionar seus elementos e transformá-lo em uma composição gráfica adequada à marca de propriedade bibliográfica.

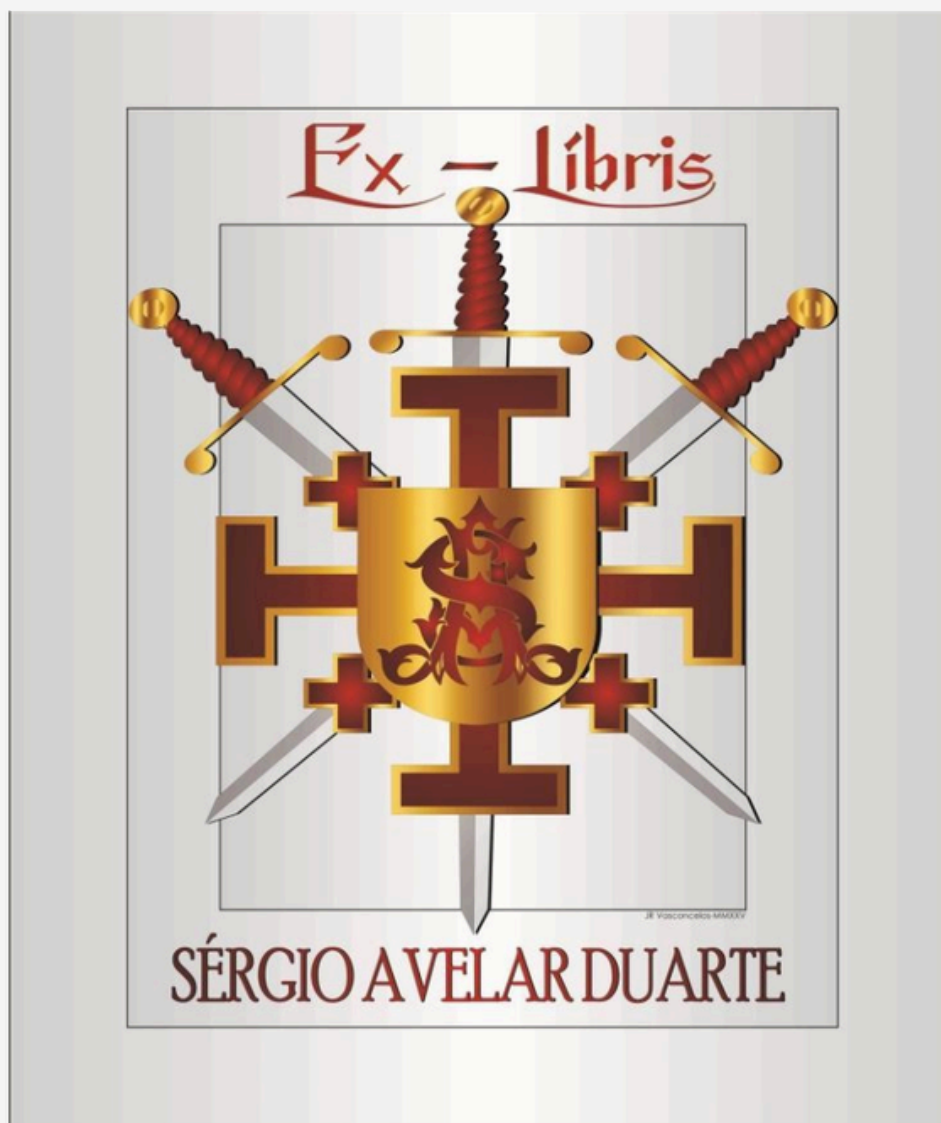
Entre a tradição e a interpretação do artista

Dois dos primeiros trabalhos apresentados foram realizados para importantes nomes portugueses ligados ao estudo da Heráldica e do ex-librismo: Sérgio Avelar Duarte e Segismundo Pinto.

Ao comentar essas obras, José Roberto destacou a relevância dos dois estudiosos no universo do ex-líbris português, ressaltando também a responsabilidade de criar para pessoas profundamente familiarizadas com a linguagem heráldica.

No ex-líbris destinado a **Sérgio Avelar Duarte**, foram empregados elementos relacionados às suas referências familiares e institucionais. Entre eles aparecem o timbre da família Avelar, representado por espadas, a cruz associada à Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém e um pequeno escudo com seu monograma.

Nesse caso, a composição reúne diferentes aspectos da identidade do proprietário sem abandonar a estrutura tradicional da Heráldica. O ex-líbris torna-se, assim, um espaço no qual genealogia, vínculos pessoais e identidade individual podem coexistir.



Ex-líbris Sérgio Avelar Duarte. Desenho de José Roberto Vasconcelos, ANO?

Para **Segismundo Pinto**, José Roberto trabalhou com suas armas e com uma figura particularmente expressiva: o pinto, utilizado como elemento heráldico associado ao próprio sobrenome. Ao redor do conjunto, incorporou uma ornamentação inspirada em formas barrocas e rococós, conferindo ao ex-líbris um caráter simultaneamente tradicional e autoral.

A utilização de uma figura que remete diretamente ao nome é também um bom exemplo das chamadas armas falantes, nas quais determinado elemento estabelece uma associação visual ou fonética com o nome do representado.

A recepção desse trabalho teve significado especial para o autor: segundo relatou durante a live, Segismundo Pinto passou a utilizar o ex-líbris em livros brasileiros de sua biblioteca.

Nesse momento, a criação completou seu percurso: deixou de ser apenas um desenho concebido pelo artista e passou a cumprir efetivamente sua função como marca de propriedade de uma coleção bibliográfica.



Ex-líbris Segismundo Pinto.
Desenho de José Roberto Vasconcelos, ANO?

O brasão familiar transformado em ex-líbris

Outros exemplos apresentados mostram como José Roberto parte de armas familiares para construir composições destinadas especificamente ao livro.

Foi o caso de trabalhos realizados para amigos portugueses e para um pesquisador peruano. Em um deles, destinado a **Oscar Cairo Pinto**, genealogista e heraldista português, foram utilizadas referências às armas familiares dos Pinto e dos Barbuda, reorganizadas para formar uma nova composição ex-librista.



Ex-líbris Oscar Caeiro Pinto.
Desenho de José Roberto Vasconcelos, ANO?

Em outro, criado para **Luís Forga Granjo**, o artista trabalhou com armas familiares de origem espanhola e figuras heráldicas que receberam tratamento gráfico próprio. José Roberto destacou esse trabalho durante a apresentação como um dos resultados de sua produção de que particularmente gostava.

Também foi mostrado o ex-líbris de **Alexis**, genealogista e historiador peruano, para o qual foi redesenhado um brasão familiar que apresenta uma águia coroada. A figura principal das armas tornou-se o ponto de partida para a organização do ex-líbris.



Ex-líbris Luis Forja Granjo.
Desenho de José Roberto Vasconcelos,
ANO?



Ex-líbris Alexis Rolando Avévalo Vergara.
Desenho de José Roberto Vasconcelos,
ANO?

A lisonja e a representação feminina

Uma experiência diferente surgiu a partir de uma atividade relacionada a uma exposição de ex-líbris, quando José Roberto ofereceu a criação de marcas para participantes sorteados.

A iniciativa buscou trabalhar não apenas com brasões familiares preexistentes, mas também com a criação de soluções específicas para cada contemplado.

Em alguns dos ex-líbris destinados a mulheres, José Roberto recorreu à lisonja, formato losangular tradicionalmente empregado na Heráldica feminina em determinados sistemas heráldicos.

A escolha permitiu introduzir no desenho uma referência histórica à maneira como as armas femininas foram representadas ao longo do tempo. Entretanto, em vez de simplesmente repetir modelos antigos, o formato foi incorporado à criação contemporânea do ex-líbris.

Um dos trabalhos foi destinado a uma jovem proprietária, demonstrando também que a linguagem heráldica não precisa estar restrita a colecionadores experientes, genealogistas ou estudiosos. Ela pode ser apropriada por novas gerações e adquirir significados pessoais completamente atuais.



Ex-líbris Alice Costa.
Desenho de José Roberto Vasconcelos, 2023.

Um ex-líbris para um artista ex-librista

Entre os trabalhos mais recentes apresentados na live estava o ex-líbris criado para **David Fernandes da Silva**, artista heráldico e ex-librista português.

Nesse caso, o desafio possuía uma característica especial: criar uma obra para alguém que também domina a linguagem visual da Heráldica e do ex-líbris.

José Roberto partiu do brasão pessoal já utilizado por David, composto por elementos de forte caráter heráldico, e desenvolveu um novo arranjo destinado especificamente à marca bibliográfica.

O emprego do dourado teve papel importante no resultado visual. Segundo relatado durante a live, Segismundo Pinto chegou a comparar o efeito da composição a um trabalho de ourivesaria, observação que ressalta o caráter ornamental e a riqueza gráfica alcançados na peça.



Ex-líbris David Fernandes da Silva.
Desenho de José Roberto Vasconcelos, ANO?.

Criar novas armas também é fazer Heráldica

A apresentação de seus ex-líbris conduziu naturalmente a uma questão importante: *Seria necessário possuir um antigo brasão familiar para criar um ex-líbris heráldico?*

Para José Roberto, a resposta é NÃO.

Uma pessoa pode recorrer a referências familiares documentadas, quando elas existem, mas também pode conceber armas novas, escolhendo elementos capazes de representar sua própria identidade.

Uma palmeira, uma pena, um livro, um instrumento de trabalho, uma figura animal ou qualquer outro elemento pode integrar uma composição, desde que seja traduzido adequadamente para a linguagem heráldica.

Uma pena, por exemplo, pode estabelecer relação com a escrita, a literatura ou a pesquisa. Um compasso pode remeter à engenharia, à arquitetura ou a outros campos do conhecimento. Animais, plantas, estrelas e objetos podem adquirir significados particulares de acordo com a história daquele que os escolhe.

José Roberto chamou atenção, contudo, para um princípio essencial: a escolha deve ser feita com ponderação.

Um brasão concebido para representar uma pessoa não deveria resultar de uma combinação aleatória de figuras consideradas bonitas. Cada elemento precisa ter uma razão para estar ali e contribuir para a identidade que se deseja construir.

Da mesma maneira, o excesso pode comprometer a composição. A Heráldica depende da síntese e da legibilidade — qualidades ainda mais importantes quando o brasão será reduzido às pequenas dimensões de um ex-líbris.

CAPÍTULO 7

PERGUNTAS DO PÚBLICO

HERÁLDICA NA PRÁTICA



Ao final da live, algumas perguntas permitiram aprofundar aspectos da Heráldica abordados durante a apresentação.

- É possível utilizar palavras ou inscrições dentro do escudo?

Embora não seja uma prática geralmente recomendada pela tradição heráldica, existem exemplos históricos de inscrições dentro de escudos. Expressões religiosas como “Ave Maria” e “Ave Maria Gratia Plena” aparecem em determinadas armas portuguesas e brasileiras. São, entretanto, casos excepcionais. De modo geral, a linguagem heráldica privilegia a comunicação por figuras, cores e símbolos, reservando inscrições e lemas para outros espaços da composição.

- É válido utilizar um brasão de nobreza em uma República?

No Brasil republicano, títulos e brasões da antiga nobreza deixaram de possuir a função pública que tinham durante o Império. Isso, porém, não significa necessariamente que símbolos históricos tenham desaparecido do uso privado e familiar. Descendentes podem preservar determinadas armas como elementos de memória e identidade. A questão fundamental é evitar apropriar-se indevidamente de armas pertencentes a famílias das quais não se descende. No âmbito pessoal — inclusive em ex-líbris, objetos e papéis particulares — a Heráldica pode continuar sendo utilizada como forma de representação simbólica.

- É possível criar um brasão sem referência histórica ou genealógica?

Sim. Durante a live, José Roberto Vasconcelos destacou que, em vez de “Heráldica de fantasia”, é preferível pensar em armas novas, isto é, composições criadas para uma pessoa, família ou finalidade específica. Essas armas podem partir de referências familiares existentes ou ser concebidas a partir de novos elementos. Uma palmeira pode remeter a determinado lugar; uma pena pode representar a escrita; livros podem sugerir atividade intelectual; um compasso pode estar associado à engenharia. As possibilidades são amplas. O mais importante é que a composição respeite os princípios da Heráldica, mantenha equilíbrio visual e represente elementos com os quais seu proprietário realmente se identifique. Um brasão é concebido para permanecer. Por isso, sua criação deve ser resultado de reflexão e não apenas de uma escolha estética momentânea. Essa possibilidade de criar novos símbolos evidencia, mais uma vez, que a Heráldica não é uma linguagem estática. Nascida há séculos, ela continua capaz de incorporar novas histórias, identidades e formas de representação. É justamente nessa combinação entre tradição e permanência, memória e identidade que reside uma das razões de sua extraordinária longevidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Uma linguagem que atravessa os séculos

Ao longo deste e-book, acompanhamos uma linguagem visual que nasceu há séculos, em um contexto muito diferente do nosso, mas que demonstrou uma extraordinária capacidade de permanência. A Heráldica atravessou transformações políticas, sociais e culturais sem perder uma de suas funções essenciais: representar identidades por meio de imagens.

Dos escudos utilizados no mundo medieval aos brasões de famílias, cidades, instituições de ensino, organizações culturais e religiosas, a linguagem heráldica encontrou novos espaços e adquiriu diferentes significados. Mudaram os contextos, os proprietários e os suportes, mas permaneceu a necessidade de condensar em uma composição visual informações sobre pertencimento, memória, trajetória e valores.

A conversa com José Roberto Vasconcellos permitiu compreender que um brasão não deve ser observado apenas como uma imagem ornamental. Cores, metais, divisões do escudo, animais, plantas, objetos, estrelas, coroas, elmos,

timbres e tantos outros elementos formam um vocabulário próprio. Conhecer essa linguagem significa aprender a olhar para essas imagens de outra maneira, procurando compreender não apenas o que está representado, mas também por que determinado símbolo foi escolhido.

Essa perspectiva é particularmente importante quando nos aproximamos dos ex-líbris.

Dentro dos livros, a Heráldica encontrou um território especialmente fértil. Durante séculos, brasões foram utilizados como marcas de propriedade bibliográfica, identificando famílias, personalidades e instituições. Ao serem fixados nas páginas de um volume, passaram também a acompanhar sua trajetória, tornando-se vestígios capazes de revelar antigos proprietários e ajudar a reconstruir a história de uma coleção.

O ex-líbris heráldico reúne, portanto, duas formas de memória. De um lado, encontra-se a memória representada pelo próprio brasão, com seus vínculos familiares, pessoais ou institucionais. De outro, está a memória do exemplar que recebeu aquela marca e que, ao circular entre proprietários e coleções, acumulou novas camadas de sua própria história.

Mas a aproximação entre Heráldica e ex-librismo não pertence somente ao passado.

Os trabalhos apresentados por José Roberto mostraram que essa relação continua aberta à criação. Antigas armas familiares podem ser reinterpretadas; símbolos pessoais podem ser incorporados; referências profissionais, culturais ou territoriais podem ganhar expressão gráfica; e armas novas podem ser concebidas para representar indivíduos contemporâneos.

Nesse processo, tradição e criação não precisam ser entendidas como forças opostas. A Heráldica possui princípios e convenções construídos historicamente, mas é justamente o domínio dessa linguagem que possibilita criar novas composições de maneira coerente. Como destacou José Roberto ao longo da live, a Heráldica não é estática.

Seus próprios ex-líbris demonstram essa possibilidade. Ao trabalhar com brasões familiares, monogramas, lisonjas, animais, referências geográficas e outros elementos escolhidos em diálogo com os proprietários, o artista transforma informações biográficas em imagens. Cada composição procura responder visualmente a uma questão fundamental: *quem é a pessoa que esta marca representa?* 81

Essa pergunta talvez seja também um dos pontos de maior proximidade entre a Heráldica e o ex-librismo.

Um ex-líbris não diz somente “este livro pertence a alguém”. Muitas vezes, ele procura dizer algo sobre quem é esse alguém. Da mesma maneira, um brasão ultrapassa a função de simples identificação quando seus elementos revelam histórias, vínculos, escolhas e aspirações.

É por isso que ambos podem ser compreendidos como pequenas narrativas visuais.

Ao final deste percurso, talvez passemos a perceber com maior atenção imagens que antes pareciam apenas familiares. O escudo de uma universidade, o emblema de um clube, o brasão de uma cidade, as armas de uma instituição religiosa ou aquele pequeno ex-líbris encontrado no interior de um livro antigo deixam de ser apenas desenhos. Passam a suscitar perguntas: *quem criou essa imagem? O que seus símbolos significam? Quem ela representa? Que história procura preservar?*

Aprender a olhar é também aprender a investigar.

E, para quem se dedica às marcas de proveniência, essa mudança no olhar é especialmente valiosa. Cada símbolo pode constituir uma pista; cada brasão pode conduzir a um proprietário; cada ex-líbris pode abrir caminho para uma história ainda desconhecida.

Talvez resida aí uma das razões pelas quais a Heráldica continua a nos fascinar. Criada em um mundo distante do nosso, ela permanece capaz de cumprir algo profundamente humano: transformar identidade e memória em imagem e fazer com que essa imagem atravessasse o tempo.





lirois denorsee
occis



ISBN: 978-65-02-35990-7

CD



9 786502 359907